



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato  
da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:  
Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

Agora que foi patente ao público o Jardim Botânico da Faculdade de Ciências, antiga Escola Politécnica, que por muitos anos esteve interdito áqueles que o mantem, achamos oportuno perguntar quando é que também será patente ao público o Jardim Botânico da Ajuda.

Após a implantação da República, foi franqueado, mas por tão pouco tempo que quasi passou desaperecebido; pareceu um sonho.

Alegaram que os vandalos estragavam as plantas, mas isso não era motivo para privar toda a população d'aquela recreio, mas privou-se, já lá vão mais de vinte anos; e o Diabo é que o Jardim não ganhou nada com essa proibição, não está melhor, nem mais bem tratado, antes pelo contrário; a avaliar pelo que vemos através as grades do portão, que está sempre hermeticamente fechado, para evitar que algum malvado se atreva a devesar aquele Eden, aquilo deve estar quasi um matagal.

Mas mesmo que seja preciso manter-se ali uma certa vigilância, com o que concordamos plenamente, não é preciso nenhum batalhão de guardas, que ao estado se torne pesado. O Estado tem bastantes empregados para deslocar para ali, e se não os tivesse há inumeros desempregados a quem o Governo precisa proporcionar o pão de cada dia.

Não vemos tantos destroços pelos jardins públicos da cidade que haja razão para se recusar a entrada ao povo.

O Jardim de Inverno, do Parque da Rotunda, dispõe apenas de um ou dois guardas; pois apesar disso e de possuir bastantes escaninhos, só se vê ali acção, ordem e disciplina. E creio que o mesmo succederia ali. E não está certo que a Camara esteja fazendo sacrificios de dinheiro para facilitar novos jardins ao povo e outras repartições do Estado fechando a sete chaves os que possui.

Esperamos que o Instituto Superior de Agronomia, a cargo de quem aquilo está, conceda ao povo o recreio, a que tem incontestável direito.

## As consultas aos pobres no Hospital Militar de Belém

Ao voltar-mos hoje a ocupar-nos das consultas externas ás classes pobres da freguesia da Ajuda, a realizar no Hospital Militar de Belém, é com desvanecimento que recebemos informação muito particular, de que o ilustre Director do referido Hospital, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Tenente-coronel José Maria Geraldês Leite, não só louvou a nossa iniciativa, como já fez *demarches*, no sentido de se efectivar esta grande aspiração, que embora do nosso alvitre, pertence duma maneira geral, a todos os parroquianos.

Pelas impressões colhidas, estamos convencidos que Sua Ex.<sup>a</sup>, conseguirá afastar quaisquer obstáculos que se lhe deparem, porque é acima de tudo, um caso de solidariedade humana.

Porém, chegam-nos certos rumores, de que alguns distintos clínicos, estão em desacôrdo com tal idea. Não acreditamos. Felizmente os médicos da freguesia, têm sempre demonstrado uma dedicação enexcedível pelo seu semelhante.

Não acreditamos, porque sabemos que não poucas vezes, se recuzam a cobrar os seus legítimos honorários, quando nos lares que visitam, só encontram miséria e dor.

Não acreditamos, porque a missão de médico, enobrece quem a pratica, e um entrave feito a tal iniciativa, poderia (embora isso constituísse um crime de lesa-humanidade), ser perpetrado por *qualquer*; mas, por um médico, nunca!

Não acreditamos, porque passados alguns anos em que escrevemos num diário da capital alguns artigos de análise ao estado de insalubridade em que se encontrava a nossa freguesia, pois era vulgar (e dizem-nos que ainda hoje isso se verifica), de algumas moradias onde se davam casos de morte pela tuberculose, não serem devidamente desinfectadas. Fomos nessa altura procurados por um distintíssimo médico da Ajuda, que não só confirmou tudo quanto então publicámos, como nos disse mais: «Estou convencido, que para bem purificar os ares da freguesia, tornava-se necessário e quanto antes, incendiar todas as casas, porque nada resiste ao fogo e só assim, se faria um saneamento eficaz».

Foram estas as palavras do ilustre clínico e que decorridos alguns anos, ao relebrá-las, ainda nos ferem os ouvidos.

Entendido, que esta Assistência, só será prestada áqueles pessoas que sejam reconhecidamente pobres, e que portanto, não possam consultar médico. E se tal dizemos, é recessos de ver o nosso pensamento deturpado em prejuízo duma classe que nos merece todo o carinho e que tem direito a ser condignamente remunerada.

Dito isto, vamos todos, como um só homem, trabalhar em benefício dos habitantes da Ajuda.

Várias pessoas têm vindo junto de nós, para que chamemos a atenção de quem superintende nos serviços de limpeza das ruas, para a forma como esta é feita nalguns pontos da nossa freguesia. Têm muita razão os que se nos dirigem, pois temos observado também, que existem ruas na freguesia, por onde nunca passa a vassoura, e daí o acumular de lixo. Pedimos providências imediatas.

Uma instituição alemã acaba de abrir em Berlim uma pensão destinada ás crianças cujos pais se ausentem para o trabalho e não tenham onde os deixar a bom recato ou em suas casas quem olhe devidamente por elas. Este organismo é apetrechado com todo o conforto moderno: contém sala de restaurante, cinema, uma piscina, campo de «tennis», um jardim e magnificas instalações de T. S. F.

Os pais podem conduzir ali os seus filhos, tanto por breves horas, como por todo um dia, uma semana ou até um mês. O pensionato não é caro e o alimento excelente. O pessoal encarregado de bem servir e vigiar os jovens é apesar de tolerante, capaz de lhe dar sempre, e a propósito, as melhores lições de civismo e correção.

Continuam em pessimo estado, a travessa da Boa-Hora e a rua de D. Vasco. São, em vez de ruas, caminhos de pé posto em terras de semeadura.

Pedem-se providencias para tal estado de coisas.

O nosso jornal continúa lutando com a falta de espaço. Em todos os numeros, somos forçados a retirar bastante original. Por tal motivo, tomamos a liberdade de pedir aos nossos colaboradores que nos mandem as suas produções mais em harmonia com o reduzido formato do jornal.

Foi abolida, por decreto, a gorgeta aos empregados de hotéis, restaurantes e casas de pasto.

**A Favorita da Ajuda**

DE

**ANTONIO DIAS**

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas  
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

**LIBANIO DOS SANTOS**

VINHOS E SEUS DERIVADOS

RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR

TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

# A Questão das Aguas

Já referi quanto produziu o imposto lançado pelo senado de Lisboa, em 1729, sobre diversos géneros, para construção do Aqueducto das Aguas Livres. Agora vou referir quanto custaram essas obras do Aqueducto Geral e seus ramais, desde a primeira nascente no Poço da Bomba no Olival do Santíssimo, na encosta ao poente do lugar de Caneças, a 18.605 metros das Amoreiras, as galerias dentro da cidade, e os chafarizes construídos até 1835: custaram a bagatela de 5.561.981\$600 reis, moeda forte — mais de 140:000 contos na nossa moeda desvalorizada de hoje!

Não vou fazer aqui a descrição dessa obra grandiosa, considerada como um dos monumentos mais notáveis no seu género construído nos tempos modernos. Obra verdadeiramente monumental pelo arrojado da sua concepção, resistência da sua fabrica e elegância da sua construção. Justamente admirado por nacionaes e estrangeiros, ao reter-la, não é demais relembrar os nomes do brigadeiro Manuel da Maia, que fez o seu risco até ao monte chamado das Trez Cruzes, na Serra de Monsanto, e o do sargento mór Custodio Vieira, que a trouxe dali até ás Amoreiras.

Para avaliar do seu arrojado, basta dizer que se fosse possível transportar a basilica da Estrela para o lugar de Santa Ana, junto da Ribeira de Alcantara, e atravessa-la debaixo do Arco Grande, este com a sua ogiva, passaria por cima dela, como assombrosa ponte, sem lhe tocar!

A sua resistência é tal que o grande terramoto de 1755, que arrazou Lisboa, apenas causou ligeiro damno em três dos dezasseis torreões que corroem a sua parte mais monumental — a que em arrojada e elegante arcaria, na extensão de 941 metros, vence o vale da ribeira de Alcantara, galgando este ribeiro o Arco Grande.

Atravessando a Rua das Amoreiras num elegante arco dórico com inscrições comemorativas, ladeia pelo poente com as suas arcadas a antiga praça das Amoreiras, para terminar, ao sul, na «Casa da Agua» importante fabrica de cantaria, onde as aguas do aqueducto se despenham, em magestosa cascata conhecida pela «Mão de Agua», numa vasta bacia com a capacidade de 5.500 metros cubicos. E' esta bacia coberta por uma arrojada abóbada de

tijolo, coroada por um soberbo terraço lageado do qual a vista se alonga aprazível envolvendo um brilhante e variado panorama, onde se matizam em vivas côres, as colinas de Lisboa, com a sua casaria, o Tejo e o Oceano.

As inscrições antigas do Arco da Rua das Amoreiras foram picadas por ordem real de 20 de Março de 1773, assinada pelo Marquez de Pombal, e substituídas pelas que ao presente nelas se observam. E como são curiosas as primeiras, e difíceis de lêr as segundas, aqui transcrevo umas e outras.

Rezavam os antigos na lingua latina, vertidos em portuguez, o seguinte:

Do lado do Rato — «No anno de 1748, reinando o Piedoso. Feliz e Magnanimo D. João V, o Senado, e o Povo Lisbonense, á crista do mesmo Povo, e com comum satisfação dele, introduzio na cidade as Agoas Livres; desejadas pelo espaço de dois seculos; e isto por meio de hum aturado trabalho durante vinte anos em arrazar, desfazer e furar os outeiros, na roundeza de nove mil passos.»

E do lado de S. João dos Bencasados — «No ano de 1748, depois de vencidas as dificuldades, e apasiguadas as discórdias de opiniões. tiveram as Agoas Livres seu ingresso triunfal nesta cidade». E as inscrições que as vieram substituir, são, respectivamente, do lado do Rato — «Regulando D. João V, o Maior dos Reys, o bem publico de Portugal, foram introduzidos na cidade por aqueductos solidissimos, que ham de durar eternamente, e que formam um giro de nove mil passos, aguas saluberrimas: fazendo-se esta obra com toleravel despesa publica, e sincero aplauso de todos. Anno de 1748 da Era de Christo». E do lado de S. João dos Bencasados — «D. João V, Rey de Portugal, Justo, Piedoso, Augusto, Feliz, Pai da Patria, posta em paz a Lusitania, com valor e gloria; rebustecida com riquezas, vencidas todas as dificuldades, ou para melhor dizer, vencida a propria natureza, fez conduzir a Lisboa aguas perennes no

breve espaço de 19 anos, e com o menos possível dispendio dos cabedues publicos concluiu esta obra immensa. O Senado, e Povo de Lisboa, em signal de gratidão para com este optimo Principe, author da Utilidade Publica, consagraram este monumento em o anno de 1748 da era de Christo.»

Como este singelo factio, birra ou capricho do grande Marquez, me faz meditar! Tempos que vão, tempos que voltam; quanto tudo que é humano é fraco e perecível! Só a obra sólida, em argamassa e pedra, dos modestos e desconhecidos alvaneis, ali se ergue, fria, rigida, atrevida e indifferente, desfazendo-se contra ela a ambição e vaidade dos homens!

Na cidade, diversas galerias, conduziam e distribuiam as aguas a numerosos chafarizes, alguns hoje desaparecidos, e a vários edificios publicos e a propriedades particulares.

Foi no anno de 1748 que deram entrada em Lisboa, as primeiras aguas deste aqueducto, mas só em 1835 ficaram concluídas todas as obras, sendo extinta neste ano a repartição denominada das *obras das aguas livres*, passando a inspecção, administração e conservação do aqueducto, para a Camara Municipal de Lisboa.

Alguns dos chafarizes daquela época são elegantes e bem lançados; todavia aquele que deveria ser o mais grandioso, o rei dos Chafarizes, por assim dizer, e ornar o Campo de Santa Ana, ao Norte, voltado para o Sul, entre o Asilo da Mendicidade e o da Bomposta, não foi além do projecto. Todavia alguma coisa dele se fez; as duas figuras representando os rios Tejo e Douro, que foram aproveitadas primeiramente para o antigo Passeio Publico, e hoje veem-se adornando os lagos da Avenida; e quatro outras figuras, representando as quatro partes do Mundo, que adornando primeiro o lago do mesmo Passeio Publico, puseram hoje a ornamentar os talhões ao Norte da Avenida. Refere Veloso de Andrade que estas seis figuras, todas obras do portuguez Alexandre Gomes, custaram 3.746\$246 reis, incluindo 706\$246, importe de seis pedras prontas no telheiro do Campo de Santa Ana, tendo um lord inglês oferecido por elas doze

## Santos & Brandão

**CONSTRUCTORES**

Serralharia — Forjas — Caldeiraria — Soldadura a autógeno

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco) — Telef. B. 207

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMERCIO DA AJUDA" e onde este jornal pôde ser adquirido gratuitamente:

ABEL DINIZ D'ABREU, L.<sup>DA</sup>



**PADARIA**

Fornecê pão aos domicílios

55, Calçada da Memória, 57 — LISBOA  
TELEFONE BELEM 520

**José Vicente d'Oliveira & C.<sup>a</sup> (F.<sup>o</sup>)**

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA  
TELEFONE BELEM 56

**Pérola do Cruzeiro**

DE

JOÃO DE DEUS RAMOS

Gêneros alimentícios de primeira qualidade  
Especialidade em chá e café—Vinhos finos, do Pôrto e de pasto  
Azeites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — AJUDA

**TRANSPORTES DO ALTINHO** A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 100

**Drogaria e Perfumaria**

DE

**ANTONIO MORAIS DOS SANTOS**

Drogas, tintas e vernizes

Sabonetes e perfumarias dos melhores fabricantes

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

**AGENCIA FUNERARIA**

DE

**António Serapião Migueis**

Calçada da Bôa-Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

mil crusados. Quatro carrancas destinadas a ornar o mesmo chafariz, foram parar ao chafariz de Alcantara, enquanto que os golfinhos, para o chafariz do Campo de Santa Ana, vieram descançar no de Belém.

E no referido local do Campo de Santa Ana, se não foi o magestoso chafariz que se ergueu, outro mais modesto ali foi construído, correndo nele a primeira agua em 4 de Abril de 1795, conduzida em canudos de cana, por ser aquele dia sabado de Alleluia, e não estando ainda pronto o encanamento, e não podendo ser adiada a inauguração, se recorreu a este artificio, com o aplauso da enorme multidão que estava no sitio. A veracidade deste episodio vai á conta de Veloso de Andrade. Mas é bom lembrar que nessa época não se fabricava ainda o cano de ferro ou mesmo o de chumbo, com que hoje, em poucas horas, se poderia remediar aquele percalço.

A. B.

### D. Sára Agostinho Moraes

No hospital de Arroios, onde deu entrada para ser submetida a uma melindrosa operação cirurgica, encontrase em tratamento a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Sára Agostinho Moraes, esposa do nosso amigo e distinto colaborador Sr. Agostinho António.

Que a operação decorra com felicidade e a enferma readquirá depressa a saúde, são os nossos votos.

Este número foi visado  
pela Comissão de Censura

## DESPORTOS

### RAPAZES, HAJA «LINHA» . . .

O despôrto é uma escola de virtudes, lemos a cada passo. E em verdade tal deveria ser. Mas, na época presente, deixou de o ser, levado êle também — o despôrto — na corrente infrene das paixões e interesses. Assim, em vez da cordealidade, da lealdade, do pundonor, nós verificamos nas grandes pugnas espectaculosas-desportivas tam grande soma de deslealdades e baixezas que a nossa alma se confrange e revolta contra este estado de cousas, — já se sabe se se não tiver a sensibilidade embotada.

Exemplos não faltam e test-munhas também não. Aquele jogador que publicamente acusa o seu capitão de o mandar inutilizar um adversário; aqueles dois grupos que se envolvem em desordem; agressões mais ou menos manifestas, das quais resultam fracturas, em grande parte, etc., são factos que quem frequenta campos de jogos não desconhece.

Culpa dos jogadores? Sim, terão uma parcela na «grande culpa», mas insignificante, em vista da obra de desmoralização da qual agora se está sofrendo. Eles, afinal de contas, é que se vão inutilizando uns aos outros e dando o triste espectáculo de degradação, e são êles, também, que merecem simpatia do público pelas suas generosas qualidades renegadas em certos momentos negros.

Se eu pudesse falar directamente aos jogadores tanto de *foot-ball* como de *hockey*, *rugby*, etc., se eu pudesse

influir nos seus espíritos com os meus discursos, dir-lhes-ia:

— Rapazes, vós todos sois vítimas do ambiente que vos criaram. Cada um de vós se crê independente e julga os outros diferentes de vós mesmos, mas no fim de tudo vós constituís um todo, dentro do qual cada parcela é solidária. O que ganhais com os gestos feios que em ocasiões de perturbação levais a efeito? E' uma parcela que ataca outra parcela, e dessa luta resulta enfraquecimento no todo. Ganhastes fama de zaragateiros e muitas pessoas de bom senso passaram a olhar os vossos jogos como manifestações de desordem. Mas sois, de facto, zaragateiros? Não; não creio que o sejais. Mas então?... Vejamos, rapazes; há que arripiar caminho. Do mal que cada um de vós faz se ressentido o todo — a grande família dos jogadores, na sua fama, no seu crédito; logo, haja correcção, haja respeito pelo adversário, haja *linha*, emfim... Quando demonstrardes estas qualidades, sereis estimados e respeitados, o que vos trará, pelo menos, satisfação moral.

Seria assim que eu lhes falaria. Acham bem?

Lucas Jr.

### Secção Desportiva do Ajuda-Club

A sua 1.<sup>a</sup> categoria de ping-pong jogou, na passada segunda-feira, um desafio com igual categoria do Grupo Desportivo «Os 13», de que saiu vencedora por 5-4.

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las nos estabelecimentos de

## FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Merceria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece.

Espiritualista, como somos, ao terminar o nosso último artigo, manifestámos o receio de que, na mansão reservada aos que passaram na terra espalhando a luz do seu génio ardente e os extremos dum coração diamantino, o espírito de Bulhão Pato se revoltasse contra a

tempo, um culto fervoroso pelo homem que foi honra e glória da sua família, nos perdoará a indiscrição.

E visto que Bulhão Pato, discípulo dilecto de Alexandre Herculano, foi na Ajuda que iniciou, por assim dizer, a sua carreira literária, não fica mal aqui um brado contra a ingrati-

dão dos que esqueceram o nome do illustre homem de letras.

Eis a carta:

Sr. — Admira-me sempre e comove-me o facto de um ou outro, e é tão raro, se lembrar de evocar o nome de meu tio avô Raimundo de Bulhão Pato.

Efectivamente, esse homem foi grande no período em que existiu. Mas, se soube impor-se aos seus amigos com a sua grande inteligência, a lucidez do seu espirito e o colorido da sua conversação, a quem Castilho chamou a «boca de ouro», a sua obra pequena mas preciosa para quem pretender conhecer a vida e o carácter de tantos homens illustres quantos engrandeceram o passado século, jaz, infelizmente, num esquecimento de que será difícil levantá-la.

Bastantes homens, e os nomes um dia serão talvez citados, que hoje estão no galarrim das nossas letras e a quem Bulhão Pato deu a mão e encaminhou nos primeiros e deves passos da literatura, vergonhosa-

## A Ajuda de outros tempos

audácia de enxertarmos na nossa prosa mesquinha alguns trechos da sua obra valiosa e sempre bela.

Numa carta, porém, que acabamos de receber, firmada por um membro da família do grande poeta, encontramos palavras que a nossa crença nos leva a acreditar serem inspiradas por esse espírito superior que, do Além, nos envia a absolvição da nossa culpa.

Tão interessante achamos essa carta, que não resistimos á tentação de aqui a publicar, certos de que o seu autor, que na energia da frase revela uma alma varonil e, ao mesmo

mente o esqueceram, a ponto de não recordar datas em que perante a Academia tinham a obrigação de o fazer. Perante a Academia? Não, enganai-me. A própria Academia procedeu de igual forma na pessoa de alguns dos seus mais illustres representantes, cuja ingratidão e egoísmo se juntou á dos outros. Não julgue, no entanto, senhor, que pretendo com isto emendar o mundo ou a ingratidão dos homens; essa, háde durar o tempo que existir a espécie humana na Terra. Portanto, sr., repito-o, comoveu-me bastante o seu artigo ao qual Bulhão Pato não lhe agradecerá pela maior ou menor gloria que dai lhe pudesse advir, mas sim pelo cunho de justiça e de sinceridade que o caracterisa. Ao lê-lo senti que um pouco desse passado tão próximo, mas tão distante desta sociedade dissoluta, fez vibrar os meus obscuros 18 anos em que só existe uma grande vontade de compreender e amar as grandes almas e os grandes corações. — NUNO DE BULHÃO PATO.

Não deve o Sr. Nuno de Bulhão Pato admirar-se de que alguns tenham esquecido, ou finjam esquecer, o nome de seu tio-avô. Já, enquanto vivo, houve quem procurasse obscurecer-lhe o merecimento e amesquinhar a obra, o que levou Antero a escrever, ao agradecer-lhe a remessa do livro *Cantos e Sátiras*:

«Devo aplaudir-te com todo o calor do coração e da intelligencia, e aplaudir duplamente, como escritor

Cravada entre as brulhas de um pequeno monte, do qual se divisava a aldeola pardacenta, sordida e nauseabunda, de pobres e minúsculas casas inclinadas, sujas, irregulares e enegrecidas como dentes carcomidos e manchados de nicotina, estava a choça que servia de morada a Gervásio e a sua mãe.

Gervásio, era o distribuidor dos correios daquela feia e desordenada povoação que, por irónico contraste se chamava Vila Graciosa.

Ganhava duas pesetas diárias e esse escasso e irrisório ordenado, não o libertava das graves responsabilidades que, no melindroso exercício do seu cargo, contraía. A correspondência era sagrada; não podiam admitir-se demoras ou intermitências. A mãe de Gervásio possuía, junto áquella monte, uma hortazita, que cultivava; e, com o ordenado do filho e o produto das terras, iam vivendo melhor ou peor.

Uma noite, Gervásio entrou mal humorado na cabana. Haviam sido alteradas as horas de retirar a correspondência. A partir do primeiro do mês seguinte, em vez de sair de dia, ser-lhe-ia forçoso pôr-se a caminho á meia noite, para chegar a Veggilla, a estação de caminho de ferro mais próxima, ás três da madrugada e regressar á aldeia ás seis da manhã. Apesar de essa mudança de serviço, não lhe aumentavam o salário. Gervásio teve de

resignar-se. Aquelas duas pesetas eram o pão de sua casa; se trabalhasse no campo, não ganharia nem metade, e, ainda assim, só poderia fazê-lo nos meses das colheitas. Estava tudo tam mau!

— Não irá suceder-te alguma coisa, meu filho? — disse a velha, receosa de perigos desconhecidos e vislumbrando os riscos que elle poderia correr naquellas caminhadas noturnas através do campo.

— Não, mãe. Não succede nada. Por aqui não há gente ruim. A guarda civil trás tudo isto por cá muito limpo. Há os lobos, isso há; mas esses não saem do mato. Só me affijo por si, que vai ficar af sósinha toda a noite. Já me lembrei de alugar uma casita lá em baixo, na aldeia; assim, ficava eu mais socegado até que restabeleçam o serviço diurno.

— Não, Gervásio, por minha causa, não — respondeu a mãe. — Estamos bem aqui. Ninguém cá virá roubar as nossas riquezas. Olha, já que trabalhas tanto, gasta antes esse dinheiro que haviás de empregar na casa, a divertir-te ao domingo, na aldeia, a dançar com as raparigas. Aproveita, enquanto és novo. Também, que nem tudo seja desgostos e misérias, nesta vida!

— A mãe é tam boa!  
— E tu, filho, és mau?!  
E no interior da desmantelada cabana, entre quatro bancos toscos e uma mesa de pinho, velha e fendida, a mãe abraçou aquelle filho, que lutava e vivia por ela.

Havia já um mês que Gervásio fazia o serviço noturno sem que surgisse o menor contratempo. A meia noite saía da choça, com a sua grande pasta da colza presa por fortes correias a um dos ombros, como o bernal dum caçador, e descia por um estreito caminho, á aldeia a buscar a correspondência. Depois, cortava rapidamente por um atalho, para adiantar tempo e continuava sempre depressa, até á estação. Nas primeiras noites, durante a longa caminhada, Gervásio, envolvido pelo misterioso e inquietante silêncio do campo, teve medo — nem sabia de

## Farmacia SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefona B. 329

### Consultas médicas diárias

pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs.

Drs.

Carrilho Xavier

ás 10 horas

Medina de Sousa

ás 17 horas

### Serviço

nocturno ás

sextas-feiras

## A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.<sup>DA</sup>

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Travessa de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como: livros á antiga, amator e escrituração comercial

Copiadores, caixas e pastas para arquivo.

Arma-se pastas de fantasia e bordadas

Envernizam-se mapas

e como homem. A fingida indignação e o fingido desdém dos tolos maus, dos hipócritas acrimoniosos, dos charlatães de sciencia e virtude, prova o merecimento da obra, porque não se morde no que não tem valor. Zurziste-os de alto, feriste-os como quem tem direito indisputável a castigar: e castigos assim não esquecem, doem sempre. Conta com o ódio dos miseráveis; mas esse ódio nobilita: ai! de quem não o merece! Literariamente as tuas sátiras são um verdadeiro triunfo; vigôr, concisão, simplicidade, naturalidade. Tens ali versos que hão de ficar na lingua, como aconteceu com certos versos de Boileau, de Corneille, de Hugo, que o uso adoptou como proverbiaes.

Hoje, estamos convencidos, ainda muitos existem que, como nós, desde a juventude se habituaram a ler com delicia os versos primorosos do autor da *Paqueta* e das *Flores agrestes*, e a admirar a justiça severa com que ele sabia apreciar os homens nos seus *Cantos e Sátiras*, de que também Antero dizia:

«Estão cheios de cousas eloquentes, reais, humanas. Não são só obra

literária; são um acto de homem e de cidadão. De futuro a história, quando passar por este triste tempo, háde olhar para elles».

No nosso artigo aproveitámos a ocasião para um preito de justiça ao homem que pela Ajuda passou, e cujo talento mais tarde se afirmou com rara pujança na literatura portuguesa. E ainda bem que o fizemos, pois que isso deu lugar ás palavras com que o autor da carta aprecia a justiça e sinceridade do que escrevemos.

Como tivemos ocasião de ver, foi depois de 1755 que a freguesia da Ajuda começou a desenvolver-se e progredir.

Segundo os dados que obtivemos, antes dessa epoca, apesar da extensa área que occupava, a freguesia contava apenas 600 fogos, e só quando o terremoto fez com que a côrte aqui viesse estabelecer-se, a população foi aumentando progressivamente. Alguns estabelecimentos importantes nela foram instituidos, entre os quais se conta a Cordoaria Nacional, fundada por decreto de 26 de Junho de 1771.

Revelou-se mais uma vez a iniciativa incansável do Marquez de Pombal, que tanto lutou pelo progresso das indústrias portuguesas.

Em 18 de Fevereiro de 1826 um pavoroso incendio devorou todas as dependencias do grande estabelecimento, mas a necessidade de acudir á situação precária dos operários e a carencia dos productos ali manufacturados, fez com que o Estado promovesse rapidamente a sua reconstrução.

Nem só a indústria, porém, foi objecto da atenções e desvelos por parte do rei D. José e do seu ministro. As artes tambem muito lhes ficaram devendo, e em especial a música, que teve nesse reinado uma época de extraordinario brilho, pelo valor artistico de muitos dos seus cultores, e pelo avultado numero de produções em que eles evidenciaram os seus incontestaveis talentos.

Quando, ao falarmos da igreja improvisada na Ajuda, para servir de capela real, e onde depois a Patriarcal esteve instalada, citamos o seminario que junto dela funcionava, e onde foram educados os maiores

(Conclui na página 8)

## O MEDO

Por JOSÉ MÂS

lobos, isso há; mas esses não saem do mato. Só me affijo por si, que vai ficar af sósinha toda a noite. Já me lembrei de alugar uma casita lá em baixo, na aldeia; assim, ficava eu mais socegado até que restabeleçam o serviço diurno.

— Não, Gervásio, por minha causa, não — respondeu a mãe. — Estamos bem aqui. Ninguém cá virá roubar as nossas riquezas. Olha, já que trabalhas tanto, gasta antes esse dinheiro que haviás de empregar na casa, a divertir-te ao domingo, na aldeia, a dançar com as raparigas. Aproveita, enquanto és novo. Também, que nem tudo seja desgostos e misérias, nesta vida!

— A mãe é tam boa!  
— E tu, filho, és mau?!  
E no interior da desmantelada cabana, entre quatro bancos toscos e uma mesa de pinho, velha e fendida, a mãe abraçou aquelle filho, que lutava e vivia por ela.

Havia já um mês que Gervásio fazia o serviço noturno sem que surgisse o menor contratempo. A meia noite saía da choça, com a sua grande pasta da colza presa por fortes correias a um dos ombros, como o bernal dum caçador, e descia por um estreito caminho, á aldeia a buscar a correspondência. Depois, cortava rapidamente por um atalho, para adiantar tempo e continuava sempre depressa, até á estação. Nas primeiras noites, durante a longa caminhada, Gervásio, envolvido pelo misterioso e inquietante silêncio do campo, teve medo — nem sabia de

quê. O ruído surdo, semi- apagado, dos sapatos roçando a terra, enchiam-no de pueril temor. Uma ramagem agitada pelo vento, uma folha que se desprendia da árvore, todos esses rumores, quasi imperceptíveis, que palpitam serena e suavemente na calma solidão da noite, povoavam-lhe o cérebro de imagens diabolicas, fazendo-o acce-erar a marcha, como se qualquer coisa de vago, de impreciso e impalpável o perseguisse.

Pouco a pouco, como um soldado que já entrou por muitas vezes em batalhas, conseguiu dominar os nervos e aqueles ruídos do campo pareciam-lhe já uma suave e grata sinfonia; e parava, a beber, á margem dos ribeiros; e cantava, em voz alta, olhando a sorrir para as estrélas que, lá no céu, pareciam fazer-lhe sinais.

Não succedia outro tanto a Rosa, a mãe de Gervásio. Desde que o filho mudára de serviço, a pobre mulher sotria horrivelmente. Para que Gervásio nada suspeitasse, esforçava-se por parecer-lhe alegre, quando o tinha ao pé d'ela; mas, quando se acercava a meia noite, entristecia-se-lhe o rosto; procurava, então, o canto mais escuro da cabana, onde mal chegava o reflexo da velha lamparina de azeite que difundia pela casa uma luz arroxeada e agonizante.

— Até logo mãe. Deite-se já e feche bem a porta por dentro. Amanhã é dia um; recebo o primeiro ordenado do serviço noturno. Hei-de trazer-lhe bolos dos da tia Tomásta. Amanhã é dia grande.

— Nossa Senhora te acompanhe, filho. Deus te pagará tudo quanto fazes por mim. E a mãe, nublados de lágrimas os olhos, beijou o filho. E não fechou a porta da cabana até vê-lo sumir-se no caminho estreito que on-leava e se perdia pelo monte abaixo.

Rosa acordou, sobresaltada. Ouvira, no silêncio da noite, umas pancadas que retambaram, sinistramente, no interior da choupana. Tremuras nervosas lhe agitaram todo o corpo. Já sem sombra de sono, escutou, atenta. As paredes tremeiram, súbitamente. Novas pancadas, mais fortes do que as primeiras, soaram, com enervante insistência.

Uma ideia terrificante assaltou o cérebro de Rosa. Seria o filho? O amor de mãe venceu o medo. Saltou da enxerga que lhe servia de leito, arrastou-se até á porta. E ali, reunindo todas as suas forças, conseguiu dizer em voz alta:

— Quem é? Eis tu, Gervasio? Filho?!

Calou-se. Sentiu-se apavorada. Ninguém respondia á sua angustiada pergunta, e só daí a um instante as pancadas na porta se ouviram, novamente, cada vez mais ruidosas, mais intensas. O terrôr paralisou-lhe os movimentos. Era affetivo o profundo silêncio da noite, silêncio quebrado, de quando em quando, por aquelle ruído trágico, misterioso, insistente. Nova pancada vibrou e de tal modo, que a lamparina de azeite, dependurada na parede, veio á baixo.

Com os olhos quasi a saltarem-lhe das órbitas, a velha teve um grito desesperado.

— Quem é?!

Respondeu-lhe o silêncio, desolado, profundo.

Nem uma folha se movia.

Parecia que também o vento se encondera ante o misterio da noite.

Mas o ruído tornou, de repente. A porta, resistente e massiça, não cedia, porém. Quando o bater era mais forte, ouvia-se o uivar dos lobos. O pavor immobilizou de todo Rosa. Cessaram as pancadas. Ouviram-se, atrás da porta, como suspiros e respirações afadigadas; mas nem gritos nem rugidos. Pareceu, a Rosa, ouvir também o cair de um corpo no chão. E, momentos depois, a coisa terrivel, monstruosa, inolvidável: um ranger trágico de ossos triturados e uns nivos discordantes de fera vitoriosa e saciada.

Aterrada, enlouquecida, a velha soltou um grito. Depois caiu no chão pesadamente.

Quando, na manhã seguinte, Gervásio voltava da aldeia á sua cabana, trazendo o salário do mez e os bolos prometidos á mãe, deteve-o um espectáculo horrivel. Frente á porta, despedaçado, estava o cadaver de um homem. Com gesto de repugnância e um arrepio de terrôr, passou por cima daqueles restos mutilados, e clamou, numa voz que era antes um grito de angústia:

— Mãe, mãe!  
Repetiu o grito; chamou e tornou a bater. Tudo inútil. Ninguém respondia. Correu como louco á aldeia. Daí a pouco, defronte da casa, estacionava um grupo, contemplando com horror os restos daquele cadaver meio devorado pelos lobos.

Conseguiram arrombar a porta, á machadada. Gervásio procurou sua mãe, ávidamente. Não a viu, a principio, mas logo a seguir se lhe illuminou o semblante, numa exclamação de alegria. Estava agachada, a um canto, como para esconder-se de um perseguidor invisivel.

— Minha mãe, minha mãe. — exclamou Gervásio, estendendo para ela os braços. Teve muito medo, não teve?! Nunca mais saio do pé de si. Vou deixar o emprego!

Que maldita noite!  
Mas a velha não respondeu nem abriu os braços para receber o filho. Olhava fixamente para um ponto longinquo como se ninguém estivesse junto dela.

Gervásio avançou para a mãe; mas ela fugiu com alarido. Pôs-se depois a rir, num riso estranho, frio, arrepiante. O pavor tornára-a idiota. Gervásio caiu nos braços da gente da aldeia, a chorar como uma criança.

Depois de não poucas indicações, pôde identificar-se o cadaver, encontrado á porta da cabana; era de um mendigo mudo que vivia desde muitos anos da caridade da aldeia.

## Favorita Ajudense

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanqueiro, Retrozeiro, Ropparia e Gravataria

Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

## Nova Padaria Taboense

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

Rua das Mercês, 118 a 128

AJUDA — LISBOA

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMÉRCIO DA AJUDA" e onde este jornal pode ser adquirido gratuitamente:

## Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECÂNICA E CIVIL E FERRARIA  
SOLDADURA AUTOGÊNIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações eléctricas

R. das Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA — Telef. B. 552

## Casa do Povo da Ajuda

DE  
LUIZ ANTONIO DA LUZ

Artigos de retrozaria, roupas brancas para homem, senhora e criança, e muitos outros artigos a preços módicos

113, Calçada da Ajuda, 115 — LISBOA

## ANTONIO ALVES DE MATOS, L.<sup>DA</sup>

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GÊNEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE  
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

## CERAMICA DE ARCOLENA

DE  
J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas  
Canalizações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

## ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, e mais antigo da freguesia da Ajuda e onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

## VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis tambem um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade, a preços razoaveis

## Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA — Todos os dias ás 4 horas da tarde  
PEDRO DE FARIA — Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas  
ALVES PEREIRA — 4.<sup>as</sup> feiras ás 9 h JULIO CARVALHO — 3.<sup>as</sup> feiras ás 9 h.  
FRANCISCO SIEIA — Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno às quartas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telefone B. 456

## Manoel António Rodrigues

COM

## VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

## LIBREIRO, L.<sup>DA</sup>

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA

Gêneros alimenticios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros — — Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

## ATENÇÃO!

## FATOS

fazem-se desde 135\$00 a 160\$00, com perfeição e pontualidade, e a 120\$00, com forros especiais, na oficina de

ANTÓNIO DO ESPIRITO SANTO JR  
(ANTÓNIO ALFAIATE)

Rua do Cruzeiro (á Ajuda), 97, 2.º, D.

## A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em cortice, com bolas de borracha  
RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

## PEROLA DA AJUDA

DE

JOSÉ JULIO BORDALO

Mercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres  
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente

CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ

Louças de esmalte e vidros — — Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A — R. das Mercês, 121

## Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

## RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117 Calçada da Ajuda, 212 a 216

R. da Junqueira, 293-B a 293-D Calçada da Ajuda, 154 a 156

Calçada da Tapada, 47 a 53 Largo 20 de Abril (Calvário), 1

## AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.<sup>as</sup> Reunidas Gaz e Electricidade  
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro eléctrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B 552,  
onde serão atendidos com a máxima urgência

## PARA OS MIUDOS

## PAGINA INFANTIL

## Nobreza d'alma

Ao meu bom amigo Horácio de Jesus

Uma menina, ainda em verdes anos, tendo ficado orfã de pai e mãe, foi recolhida na casa de um homem abastado, que tinha uma unica filha, também da mesma idade. A's duas meninas foi ministrada a mesma educação e dispensados iguais carinhos: dir-se-iam duas gêmeas ligadas pelos mais affectuosos laços do amor fraternal. A orfã porém, era extremamente robusta e saudável, ao passo que a sua amiga era assás débil e achacada. Esta adoeceu um dia gravemente. O ânimo do rico mas infeliz pai, sobressaltou-se e vendo que a enfermidade da filha, longe de obedecer aos esforços da medicina, mais e mais recrudescia, chamou de parte o médico que a tratava e pediu-lhe que lhe declarasse com franqueza o que pensava do estado da doente, pois desejava estar preparado para tudo o que pudesse acontecer.

O médico, olhando em redor, e vendo que ninguém o ouvia, disse ao desditoso pai:

— Vê aquela árvore que além está no jardim, defronte desta janela?

— Vejo.

— Pois bem: quando a última de suas folhas tiver caído, a sua boa filha já não existirá, a menos que a Providencia queira operar em favor daquele anjinho um grande milagre.

O médico enganara-se julgando que ninguém tinha ouvido o seu fatal prognóstico.

Berta, assim se chamava a orfã, receiosa pela vida de sua irmã adotiva e desejosa também de saber qual a opinião do doutor a respeito da doente, não exitou em cometer a indescrção de ir escutar o que elle dizia. E ouviu tudo.

Passada meia hora, amos e criados achavam-se naquela morada possuidos da maior inquietação. Berta não apparecia nem em casa, nem no jardim. Correram emissários a todos os pontos onde restavam ainda probabilidades de a encontrar, e a resposta era sempre a mesma; Berta não apparecia!

O dono da casa animado ainda de uma esperanza, volta ao jardim, e, qual não foi o seu pasmo, quando viu Berta empoleirada na árvore, que o médico indicára, occupando-se atenta e freneticamente em prender-lhe com linhas as tenras folhas ás hastes.

— Que fazes aí. Berta? lhe perguntou o seu bemfeitor.

— Estou a atar as folhas desta árvore, para que não caiam nunca, pois não quero que a manasinha morra...  
— Não é verdade, papá, que ella agora já não póde morrer?

O infeliz pai não póde ouvir mais. Tirou a orfãzinha da árvore, enlaçou-a nos braços, e cobriu-lhe o meigo rôsto de beijos. Via que a Providência velava por elle, enviando-lhe um anjo consolador no transe de maior amargura, e que se ella estava prestes a arrebatá-la uma filhinha, que era todo o seu enlêvo, lhe deparava outra cheia de sensibilidade que seria bem capaz de lhe mitigar as cruciantes saudades da que ia perder.

Linda-a-Pastora 1932.

Ébionite.

## O cavalinho estragado

Certa vez, há muito tempo  
Dois rapazitos de estalo  
Para mero passatempo  
Brincavam com um cavallo,  
Daqueles feitos de pasta  
E sôbre rodas montado,  
A quem a sorte madrastra  
Havia já torturado.  
Causava lástima e dó  
O pobre do Rocinante:  
Sem crinas, c'um olho só  
E amachucado adiante.  
Mas os nossos pequenotes  
Que o queriam vêr trotar,  
Vão-se a elles e com serrotes  
Separam-no do pilar.  
Se dantes ainda corria  
Deslisando com o estrado,  
Agora não se mexia  
Mesmo que fôsse ferrado.  
E os pequenos, já zangados  
Por tamanho desrespeito,  
Investem com bons machados  
E zás trás, fendem-lhe o peito.  
Descobrem, então, lá dentro  
Mil coisas mirabolantes  
E também mesmo no centro  
Uns bicos algos brilhantes.  
Um dêles metendo a mão  
Retira-a logo apressado,  
Pois sem saber a razão  
Sentiu que fôra arranhado.  
E' que um prego do selim,  
Com pena do cavalinho,  
Quiz castigá-los assim  
P'ra que tivessem carinho  
Com as coisas e pessoas,  
E que nunca façam mal.  
Almas ingénuas e boas  
Mas traquinas, afinal.

Alexandre Settas.

## A ingenuidade do ouriço

Um dia, vários amigos do ouriço, foram de visita a um, que vivia retirado na sua toca, e entabularam com elle a seguinte conversa:

— ¿Para que te servem êsses espinhos que te revestem o lombo?

— Para me protegerem e defenderem contra uma porção de inimigos, cujo desejo é darem cabo de mim.

— Forte engano! Essas pontas aguçadas para se conservarem fortes e sólidas, absorvem todo o beneficio da tua nutrição e evitam que os vizinhos com o mêdo de se ferirem nelas, mantenham contigo relações amigáveis, e te abracem como seria seu desejo; fazem de ti um objecto de desconfiança, e até mesmo de terror para os outros animais. Acredita o que te dizemos, livra-te dêsse armamento incómodo, dispendioso, e nocivo para a tua saúde, e torna-te um companheiro gôrdo e inofensivo.

O bom ouriço deixou-se enternecer, e consentiu que os seus amigos lhe arrancassem os espinhos.

Sabem o que aconteceu?

Aconteceu vir uma fuinha, que o comeu tranquilamente.

## ANEDOTAS

O mestre escola — Qual é o passado de despertar?

O aluno — Dormir!

\*

A mamã:— O' Emilia já te tenho dito, muita vez, que é absolutamente inconveniente que uma menina se volte para traz, para ver um homem que passou ao lado dela na rua!

Emilia:— Mas, mamã, eu voltei-me só para ver se elle se voltava a ver se eu me voltava!...

\*

Passa um enterro de primeira classe. Cavalos empenachados, numerosas coroas, grande acompanhamento de pessoas gradas, a dar nas vistas.

Um curioso pergunta a um outro:

— ¿De quem é o enterro?

E o outro:

— Daquelle senhor que vai no carro da frente!...

\*

O mendigo — Meu rico senhor, dê-me alguma coisinha que estou morto de frio!

O ricaço, depois de rebuscar nos bolsos, entrega ao pedinte um botão velho:— Tome... é para um sobretudo!...

**Salão Portugal****CINEMA SONORO****Emprezário J. NICOLAU VERISSIMO****Travessa da Memória - Ajuda****TELEFONE BELEM 124****DOMINGO, 20 - Às 19 horas****AUDACIA QUE ASSOMBRA**

Filme sonoro, com GEORGE BANCROFT

**O CÉU ROUBADO**

Filme sonoro, com NANCY CARROL

NA MATINÉE, ás 2,30 horas da tarde

**VIDAS NOCTURNAS \*\* NA BOCA DO LOBO  
NATAL PRECOCE, com Estica e Bucha**

MATINÉES TODOS OS DOMINGOS

Dia 21: ROMANCE, com Greta Garbo (estreia) - O VIKING  
 Dia 22: ATLANTIDA (estreia) - O RAPAZ DE OKLAOMA  
 Dia 23: O CAPITÃO AUDAZ (estreia) - A FERA DO MAR  
 Dia 24: RICARDITO LOBO DO MAR, e outros filmes  
 Dias 25, 26 e 27: Trez sensacionais espectaculos  
 Dias 28 e 29: LUZES DA CIDADE, com Charlot  
 Dia 30: PASSAPORTE AMARELO e outros filmes sonoros  
 A seguir: O EXPRESSO DE XANGAI

Os melhores programas com preços mais baratos. Os espectaculos aos domingos começam ás 7 horas, em sessões permanentes. O cinema mais frequentado e que exhibe as melhores produções desta época. A melhor instalação sonora da parte ocidental da cidade, propriedade da empreza.

**Marcações pelo Telefone Belém 124****A melhor instalação sonora dos cinemas da parte ocidental de Lisboa****A Ajuda de outros tempos**

(Continuado da página 5)

músicos desse tempo, puzemos tambem em relevo a grandiosidade com que nessa capela eram celebradas as cerimónias religiosas, nas quais tomava parte um grupo numeroso de cantores e instrumentistas. Tudo isto, porém, pode ter levado os nossos leitores a supor que os progressos atingidos pela musica apenas se revelavam nas produções religiosas, o que não é verdade. Se a música destinada aos cânticos da igreja teve nessa época um notável desenvolvimento, não foi menor o incremento tomado pela música profana, que fez a admiração e a delícia dos espectadores dos teatros especialmente mandados construir pelo rei, para a exhibição de óperas do género italiano, e entre os quais teve suma importância o teatro da Ajuda, de que nos propomos agora falar.

Mas como não foi esse o primeiro teatro que na freguesia funcionou, torna-se necessário fazer um pouco de história, e remontarmos ao reinado anterior.

D. João V, talvez mais por ostentação do que por amor da arte, deu á música um enorme impulso. Para a capela real, que dotou com avultados rendimentos, mandou contratar vários cantores afamados e instrumentistas italianos, e também, para exercer o lugar de primeiro mestre da capela, o compositor Domingos Scarlatti.

Por essa mesma ocasião foi instituido o seminário destinado ao en-

sino da música, e sustentado pelos rendimentos da capela.

Estava em uso executarem-se, nos saraus do Paço, peças musicadas, algumas escritas em língua castelhana; como, porém, abundavam os cantores italianos, e para tais festas convinha serem aproveitados, foi-se introduzindo o costume de cantar em italiano, e assim, algumas cantatas, vulgarmente de carácter pastoril, foram executadas, quasi sempre para celebrar datas festivas da familia real.

Passava-se isto exactamente na época em que a ópera propriamente dita, o chamado drama musical, se tinha generalizado por toda a Eupopa, ao impulso dado pelas obras de Monteverede Lulli.

Em Lisboa um violinista italiano, Alexandre Paghetti, alcançara licença para dar representações de opera no teatro junto ao Convento da Trindade, e que mais tarde tiveram lugar no Pátio dos Condes, em vista do geral acolhimento que haviam obtido da parte do público.

Ora, como a exhibição de óperas tinha exigências superiores á das cantatas, para as quais era sufficiente um simples tablado, D. João V, que em 1726 havia adquirido o palácio de Belém, como já noutro artigo tivemos occasião de dizer, entendeu por bem mandar construir dentro desse palácio um teatro onde um tal género de espectaculos fôsse dignamente apresentado, e que, segundo se afirma, foi inaugurado a 4 de Novembro de 1759

Foi este o primeiro teatro da freguesia da Ajuda.

ALFREDO GAMEIRO.

**Assistencia necessária**

Continua infelizmente o cortejo diario na nossa freguesia da pobreza inválida.

Esse cortejo, fere profundamente a sociedade que não o evita, dando aos que o constituem o amparo a que têm direito.

O nosso jornal tem já distribuido uma avultada quantia, que altruistas modestos nos têm enviado.

Mas esse pequeno óbulo chega para pouco, visto os necessitados de apoio serem em avultado numero.

Infelizmente, sabemos que os habitantes da nossa freguesia são pobres, e só com o esforço do seu trabalho conseguem, difficilmente, obter o necessário para viverem, mas, no meio dessa difficuldade não poderiam todos coligar-se e com uma pequena cota mensal acudir aos mais necessitados?

Certamente nos responderão: «Para que serve a Assisténcia Publica?»

Nós então temos obrigação de dizer verdadeiramente contristados o seguinte:

A Assisténcia Publica, enferma do grande mal da falta de elementos necessários, falta essa que é motivada pela deficiéncia das receitas do Estado, que são diminutas em relação ás necessidades gerais.

Urge pois executar algo de bem a favor dos pobres, praticando a obra de solidariedade a que somos obrigados, fazendo a assisténcia particular.

Viriato P. A. Silva.

**MERCEARIA CONFIANÇA**

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade

**João Alves**

CALÇADA DA AJUDA, 95 E 97 - LISBOA

Nesta casa tambem se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)